



ASIA-MENOR — O VALLE DE URGUB.

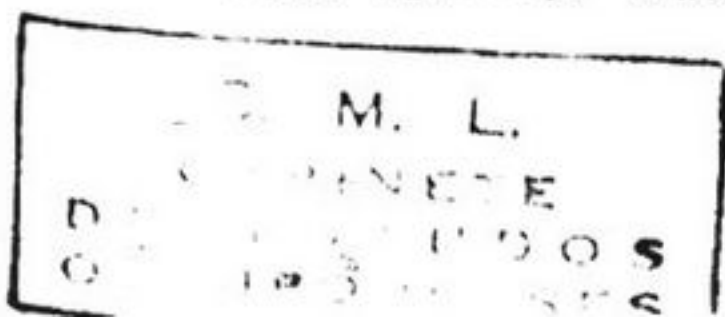
Todo um valle da antiga Cappadocia está coberto de pyramides naturaes. Os seus cumes parece terem já estado ao nivel do solo, que foi gradualmente abaixando, pela acção corrosiva das aguas. Algumas d'estas pyramides têm mais de cem metros de altura: cada uma d'ellas encerra um tumulo. Os habitantes modernos fizeram sua residencia n'aquelles antigos sepulchros. Na pequena cidade de Urgub, alguns dos mais ricos contentaram-se com dar-lhes fórmas e apparencia regulares; outros porém metamorphosearam as fachadas dos tumulos em frontarias de casas. O viajante, que atravessar de noute aquella região singularissima, julgar-se-ha tomado de alguma vertigem. O solo vulcanico estala debaixo das ferraduras da sua cavalgadura como se fôra gelo. Ao longe, aquelles cabeços, prateados pela pallida claridade da lua, affiguram-se-lhe alvejantes cathedraes. Perto de si avista alguns entes humanos, perpassando sem arruido na mansão dos mortos. Nem agua, nem verdura, rarissimos arbustos. De distancia a distancia barrocaes profundos. O sitio, que representa a nossa gravura é um dos mais risinhos de todo o valle de Urgub: algumas casas foram edificadas sobre uma encosta de lavas volcanicas; um dos cabeços é ornado de quatro columnas e de um elegante frontão. A alguma distancia da al-

deola observa-se uma columna de pedras volcanicas, que se chama *dikili-tash*, contigua a um vasto tumulo no estylo egypcio.

A MOCIDADE DE D. JOÃO V.

Romance por Luiz Augusto Rebello da Silva

É MODA hoje fazer prologos e juizos criticos a tudo quanto produz a nossa litteratura. Seja bom ou mau, o escripto póde contar com introdução, advertencia, prologo, e cinco ou seis cartas laudativas, sobre o seu merito incontestavel. Este habito de *macaquar* tudo dos francezes, esta imitação eterna de que somos escravos servís, importou-nos mais esse uso pernicioso. E tambem eu, que venho queixar-me do vicio, tambem eu concorri já para a sua propagação! *Peccatum meum contra me est*. É verdade, mas não posso deixar de condemnar um costume de que tão espantosamente se vae abusando. O excesso mata, e é pena que morram assim algumas obras, cuja vida podia ser mais dilatada. Muitos livros por ali correm hoje, com titulos mentiroso, porquanto que mais avulta n'elles, não é de certo o que pro-



mettem. O volume, que nasceu pequenino e modesto, faz-se gordo e massudo, com as criticas, que o acompanham fazendo-lhe zumbaias, e que no fim de tudo são mais extensas do que a obra a quem cortejam. Se é um livro de trescentas paginas, o que passa por seu auctor só tem, ás vezes, direito a cincoenta: o resto pertence á consciencia (?) dos amigos, que não brilham no frontespicio. Voltam-se as folhas e começam a apparecer os nomes. Os censores passam em columna cerrada, de thuribulo na mão a incensar o auctor, exactamente como um regimento apresentando as armas diante do seu general. Que miseria! No meio d'esses mendigos delouvores, figuram ás vezes talentos verdadeiros!

A obra, da qual me proponho dar ao publico uma breve noticia, não pertence, felizmente, ao numero das que vão esmolar, de porta em porta, os favores da censura. A sua protecção é o nome e o talento do seu auctor. O primeiro é bastante conhecido para que o auctor cedesse aos criticos officiosos o espaço destinado ao segundo. A critica tem outro campo, onde se póde mostrar mais independente e imparcial, do que nas proprias paginas que julga. É nas columnas dos jornaes. Abi dá livremente o seu voto, sem que possam accusal-a de connivente com o auctor do livro que aprecia. Mas fazendo passar a sua opinião pela mão do réu, para que este a junte ao seu escripto, bem poucos terão a coragem de pronunciar uma sentença severa, quando entendam que a merece. É por isso que os *prologos de encomenda*, ou os *juizos criticos a pedido*, são quasi sempre banalidades. Alguns tenho eu visto, que falam de tudo, menos da obra que deviam julgar.

A *Mocidade de D. João V*, é um romance em quatro volumes, desamparado d'essa pompa ridicula de protecções, que vem, quasi sempre, antepor com ostentação a sua propria erudição ao talento do auctor do livro. Nem procurou esses *empenhos* para a popularidade, nem os necessita o sr. Rebello da Silva.

Não vou fazer n'este artigo o juizo critico do seu romance, porque me julgo incompetente; outros mais habilitados o farão. A minha idea, como já disse, é dar uma noticia da obra. O auctor todos o conhecem. O seu nome é um dos brilhantes ornamentos da nossa litteratura. Ainda que muito moço, o sr. Rebello é um escriptor culto da lingua patria, e, sem offensa de ninguem, póde dizer-se, que é o maior talento da nova eschola litteraria, que fundou o sr. Garrett. Orador eloquente, e jornalista distincto, os seus discursos, ou os seus artigos, distinguem-se sempre por um estilo vigoroso, e colorido pelo sarcasmo, que elle sabe empregar com vantagem na imprensa e na tribuna. Como bom prosador, o genero de litteratura a que mais se tem dedicado é o romance. E com effeito é este o campo mais vasto, para elle desenvolver e applicar o talento critico de que o dotou a natureza.

O romance moderno em Portugal, creado pelos srs. Almeida Garrett e Alexandre Herculano, foi como uma luz, que brilhou nas trevas, para logo se apagar. O exemplo não achou imitadores. Se exceptuarmos algumas raras e infructuosas tentativas, os que acordaram para admirar o *Enrico* e o *Arco de Saúl*, continuaram a dormir no fim da leitura.

O sr. Rebello porém não foi d'esse numero. Se não seguiu logo a vereda dos mestres, procurou, mais tarde, ensaiar-se escrevendo o *Odio velho não cança*, romance historico de muito estudo, cheio de bellezas e situações bem concebidas, em que mostrou desde logo a sua vocação para o genero. Meditando constantemente sobre os modelos de Walter Scott, Fenimore Cooper e outros, applicou-se ao estudo de uma

epoca e escreveu a *Mocidade de D. João V*. Será um romance perfeito? Não sei; mas quando se fizer uma analyse dos escriptos do sr. Rebello, parece-me que a *Mocidade de D. João V* não póde ser julgada sem haver conhecimento da vida, espirito e genio do auctor. Se a apreciação for isolada, não creio que a analyse seja tão verdadeira. Ha muitas vezes circumstancias, que concorrem para vermos e julgarmos as cousas de um modo, que em diversa situação não veriamos pela mesma face. A natureza humana varia todos os dias; e as revoluções moraes succedem-se, do mesmo modo que as revoluções physicas.

O plano do sr. Rebello é pôr na tella do romance a historia d'essa epocha, tão cavalheirosa e dramatica, do reinado de D. João V. A *Mocidade* é a primeira parte. As outras duas hão-de abranger toda a vida do grande rei, até D. José I.

A vida de D. João V é, só por si, um grande drama. Desenvolver o drama no romance, pintar as paixões do rei, e dos que o rodeiam, historiar alguns factos mais notaveis, e seguir pelo meio do labyrintho com o fio de Ariadna; eis o que se propõe o nosso romancista.

N'esta primeira parte o infante D. João está primorosamente desenhado. Antes de se conhecer a illustre origem do principe, um coração generoso, ainda que apaixonado, uma vontade inabalavel, e um juizo claro, dizem a todos que elle nasceu para reinar. Apenas D. Pedro II exhala o derradeiro suspiro, o talento do romancista colloca sobre o pedestal da historia o grande vulto do rei D. João V. Por este lado parece-me que a critica, mesmo a mais severa, ha de achar o romance perfeito. A unidade na acção, a physionomia caracteristica do principe, os seus nobres e delicados instinctos, dispõem o leitor para desejar que elle seja o rei. A mudança opera-se com toda a naturalidade, sem peripecia de gritaria, sem punhaes nem venenos, como era uso nos dramas e romances de abençoada proscriptção.

A figura de Diogo de Mendonça Corte-Real, ministro de D. Pedro II, e de D. João V, não está menos bem tragada que a do rei. O illustre diplomata apparece com todas as feições, que o investigador e o critico escripturulo pode combinar, folheando minuciosamente todos os escriptores do tempo. Diogo de Mendonça bastava para marcar a epocha do romance, tão pronunciados e exactos são os traços com que o sr. Rebello desenhou a figura do secretario das mercês de D. Pedro II, e tão fino o colorido com que depois illumina a physionomia politica do ministro de D. João V.

Todavia Diogo de Mendonça é um caracter historico, e podia ser mais ou menos bem transportado da historia para o romance. Não succede porém o mesmo a respeito do padre Ventura, criação typica em que o auctor empregou o seu vigoroso talento, para mostrar um jesuita, differente dos que até hoje nos têm dado por modelos. Sem exceptuar o proprio Eugene Sue, arrastaram por tal forma os jesuitas, em todo o genero de composições, que o typo verdadeiro anda hoje desfigurado, por quantos copistas vulgares invadiram os dominios da arte. Felizmente o bom senso não acode aos brados dos charlatães, e deixa-os morrer de despeito, condemnados á sua insignificancia.

Acompanhia de Jesus, essa ordem tremenda, cuja grandeza, influencia e poder era devida, principalmente, á sabedoria dos seus membros e á sua estreita união; a companhia de Jesus, que era uma associação de sabios, uma encyclopedia viva, que dominou sempre pelo saber, e nunca pela força; a companhia de Jesus, representou-a o sr. Rebello no pa-

dre Ventura. É realmente uma criação admirável este jesuita! Vivendo no grande mundo, onde o seu espirito, elevada intelligencia e vasta erudição lhe davam um lugar de primeira ordem, Julio Ventura é propriamente o que a companhia queria que fosse um jesuita; saber insinuar-se por meio dos seus conhecimentos, e de verdadeiras virtudes, para dominar depois pelo prestigio; e empregar, sempre de preferencia, as paixões nobres, como fez o Rodin do Judeu Errante. Porém o jesuita de Eugenio Sue é um aborto asqueroso e repugnante, uma natureza sordida, e impossivel de combinar-se com o prodigioso talento, de que o romancista francez dotou o seu personagem. Pelo contrario, o padre Ventura é um homem austero e grave, que sabe juntar á sua delicadeza, a modestia conveniente a todas as situações. Trabalhando sempre a favor da ordem, a sua politica sabiamente combinada, faz augmentar constantemente a influencia, que elle deseja exercer sobre todos. Do rei até ao andador das almas do convento de S. Domingos, os que o não amam, temem-no; e pode chamar-se-lhe o anjo bom da familia de Lourenço Telles.

Se a companhia de Jesus tivesse seguido sempre uma politica similhante; e se os geraes da ordem fossem todos como o padre Ventura, é provavel que os destinos do mundo estivessem ainda hoje na sua mão. Na minha opinião o padre Ventura é um d'aquelles typos, que se encontram raras vezes tão perfectos, mesmo nos grandes mestres; e o mais bem sustentado caracter do romance do sr. Rebello.

O commendador Lourenço Telles e o abbade Silva são dous typos genericos em que abundou muito a epocha de D. João V. Felizmente para o observador moderno, procurando bem, ainda nos nossos dias se encontra por ahí algum abbade ridiculo, para as comparações e analyse do critico, e as meditações do philosopho. O que de certo já não ha são d'esses velhos como Lourenço Telles, que fizeram com o seu espirito e cavalheirismo as dilicias do seculo 18.^o nos salões aristocraticos.

O padre Fr. João dos Remedios, o capitão Philippe da Gama e Jeronymo Guerreiro, são figuras que todos temos visto mais ou menos animadas por uma forte côr de localidade, bem desenhadas e destacando umas das outras; são com tudo inferiores aos demais personagens do romance.

A pintura das damas foi um pouco mais livre, mais poetica e feita mais a capricho. As physionomias têm talvez demasiada luz; mas conserva cada uma a expressão distincta que lhe é particular. Na gradação das tintas com que foram illuminadas, a imaginação dominou excessivamente o romancista, e foi um poeta que deu os ultimos toques no retrato de Cecilia. Por isso no seguimento do romance para sustentar o caracter da donzella viu-se o auctor por vezes obrigado a tornar o amor metaphysico.

Não se julgue porém que são impossiveis esses caracteres apaixonados, essas organizações delicadas e nervosas, que o sentimento subjuga. São pouco vulgares, mas vivem. Vivem aonde o sr. Rebello faz viver as suas, entre flôres que lhe perfumem o ar que respiram; vivem principalmente debaixo do céu peninsular, porque esta terra as cria, e este sol tepido, e este ar doce as anima e vivifica. A sua vida é cheia de sonhos, de amor e de esperanças. Desejam e inquieta-as a idéa de que pôdem ser satisfeitas. Amam com todas as forças d'alma, são capazes de sacrificios espantosos, sempre cheias de uma energia febril; o mundo dá imaginação é o seu mundo, phantasticamente povoado por ellas de imagens caprichosas.

Cecilia e Thereza pertencem a esta familia. A primeira adorou o principe D. João com idolatria, com todo o fogo do entusiasmo; e se D. João V a tivesse feito rainha de Portugal, esse amor teria em breve degenerado, só porque podia saciar-se no objecto do seu culto. A paixão d'estas naturezas excepcionaes alimenta-se de desejos. *Querer*, é tudo para ellas; *esperar*, é viver; mas *possuir*, é aborrecer.

Os outros personagens, que apparecem no romance, ainda os menos importantes, têm uma tintura historica, que os anima, e as feições caracteristicas da nacionalidade com que foram pintados. O auctor primou no estudo da epocha, e se fosse minha intenção entrar na analyse do romance, seguiria a opinião de Chateaubriand, admirando as bellezas do livro, e perdoando-lhe os defeitos aonde os encontrasse. Mas é tão pouco o meu cabedal litterario, em cousas de critica sobre tudo, que recio haver-me já excedido n'este artigo.

O sr. Rebello da Silva não carece da minha admiração; porém eu sei, que *celui qui blâme avec aigreur admirera sans discerniment*; e por isso sigo tambem este conselho: *Soyons modérés dans nos opinions, indulgents dans nos critiques, sincères admirateurs de tout ce qui mérite d'être admiré*. É esta a opinião de Chateaubriand, e eu respeito tão religiosamente a memoria d'aquelle grande escriptor, como sigo cegamente o seu modo de vêr em cousas de arte e de litteratura em geral.

Fiel a esta doutrina, acho que na *Mocidade de D. João V* ha muito que admirar. Capitulos, que fariam honra aos principes da arte; scenas em que Walter Scott poria o seu nome com orgulho; e personagens, que rivalisam com os melhores heroes do famoso romancista escocoz.

Finaliso aqui esta noticia sobre o romance do sr. Rebello, pedindo ao seu auctor, que não faça esperar muito tempo pela segunda parte. Sei que elle não soffre d'esse mal, que tanto persegue a maior parte dos nossos escriptores, a preguiça; mas lembro-lhe, sem lisonja, porque elle tambem sabe que não lisonjeio, lembro-lhe que a sua penna não deve estar ociosa, porque se ha de honrar sempre de seus escriptos a gente e a litteratura portugueza.

F. GOMES D'AMORIM.

O CONDE SOBERANO DE CASTELLA.

FERNÃO GONÇALVES.

SEculo X.

VIII

Amansor.

O WASIR Ibn Shoheid, valido do califa, tinha ao seu serviço um pagem christão de belleza tão exquisita, que olhos humanos se não deleitaram nunca em formosura como a d'elle. Apresentando-o um dia a Abdel-Rhman no principio do reinado d'este monarcha, o califa, attonito de admiração, perguntou a Ibn Shoheid.

— Diz-me cá, onde, e de que modo adquiriste tu esta joia inestimavel?

— «Foi,» lhe respondeu o wasir, «mercê, que Allah me fez.»

— «Pela honra do meu nome!» replicou o califa; «que se alguém houvesse de fazer-me um presente de estrellas, ou me deixasse eleger entre a lua e este pagem, pela honra do meu nome, não hesitaria um instante na escolha.»

Os olhos de Abd-el-Rhamañ, passando do pagem ao wasir, e do wasir ao pagem, mirando e remirando, insaciados de olhar, perguntavam e reperguntavam se era verdade a maravilha, que estavam vendo.

Ibn Shoheid, que notou o empenho do califa, e que não ousava recusar-lhe nada, despede-se d'elle, chega a casa, prepara um rico presente, manda-o ao califa juntamente com o pagem, e ao separar-se d'este, diz-lhe estas palavras:

— «Vae, meu filho. Deves fazer parte do presente, que destino para o principe dos fieis. Se não fôra o affecto, que lhe consagro, mais depressa cedêra da minha alma que de ti.»

O pagem cresceu em annos, em graças, em dotes de espirito, e no valimento do principe. Era um dia de batalha. A batalha dava-se nos plainos de Mindonia, no anno 919. Combatia a hoste infiel de Abd-el-Rhamañ com a hoste christã de Ordonho, rei de Leão. Grande era o encarniçamento dos dous exercitos; mas a fortuna parecia pender para o lado das armas leonezas. «Que resultado pensas tu que será o d'este dia?» perguntou o califa ao seu tenente Muhamad ben Said ben Muza. O general lançou a sua vista experiente sobre a planicie, e abanando a cabeça, respondeu: «Entendo, oh filho de Muhamad, que estes signaes não agouram bem.» Apontou então para as densas massas da cavallaria christã vestidas de ferro, que dispersavam a cavallaria ligeira de Abd-el-Rhamañ; e acrescentou: «A menos que esse muro de bronze o não quebre algum accidente, incalculavel á providencia humana, o dia nos será contrario.» «Tens razão,» lhe tornou o califa, «a sorte mostra-se-nos sombria. Mas n'este perigo, que nos aconselhas tu?» Muhamad poz-se a meditar um instante, e disse, olhando para o campo dos nazarenos: «Entre as tendas brancas, que cobrem o declive d'aquelle oiteiro, deviso no centro a do filho de Ordonho, torreado acima de todas: se mo consentes, senhor, irei lá em trajos disfarçados, e com esta mão apunhalarei o tyranno.»

— «Tu não: não quero arriscar a cabeça principal do meu conselho.»

— «Eu, senhor! Eu!» gritou então o pagem valido do califa, que estava proximo d'elle.

— «Nobrememente dito! mancebo,» lhe tornou o califa. «Vae. Se fores feliz, os favores de teu senhor serão profusos para ti. Se o não fores, o paraizo será o teu galardão.»

Em continente o pagem foi trajar vestes semelhantes ás dos cavalleiros christãos; armou-se de armas com as d'elles; cavalgou n'um corcel arreado ao estilo dos corceis leonezes, e internou-se no labyrintho espesso dos combatentes. Christão que já tinha sido, bem instruido na lingua, maneiras e modos dos christãos, não achou difficuldade em abrir passagem por entre os seus esquadrões cerrados e penetrar no campo leonez. Partiu direito ao pavilhão real, e buscou traça de entrar dentro. Entrando viu o filho de Ordonho, que na ausencia do rei commandava o exercito, sentado na sua cadeira de espaldar, completamente vestido de aço, de sorte que os olhos eram a unica parte visivel do corpo do principe. Com elle estavam alguns cabos de guerra.

Diante d'este obstaculo estacou o arrojo do pagem.

Que ardil lhe acudiria á idéa para sair-se com o intento, que levava?

Com falso semblante de esculca e de portador de novas importantes teceu logo ali, dirigindo a palavra ao principe, uma teia de revelações, que lhe fizera um supposto transfuga do exercito arabe. No seu improviso artificioso pintou com côres muito verosimeis o apuro do califa; descreveu miudamente os detalhes da batalha; circumstanciou as posições da hoste musselemana; indicou com a individuação de um guerreiro experimentado os pontos fracos, por onde podia ser atacado o campo inimigo. No ardor do seu proposito satisfazia com tal promptidão e discernimento a todas as duvidas e instancias dos chefes christãos, que ali estavam, respirava na sua voz tanta persuasão e convencimento, que todos se convenceram. Quando o pagem os viu já bem seduzidos e fascinados, quando se certificou que todas as suspeitas tinham adormecido ao encanto das suas palavras, entrou a fingir um grande receio de que fosse já tarde para um lance decisivo, porque o transfuga lhe dissera, que dentro de duas horas esperava o califa um poderoso reforço de tropas. A este annuncio inesperado houve um sobresalto em todos os circumstantes, palpitou n'aquelle grupo um movimento de impaciencia, notaram-se ali gestos de quem ancia segurar a occasião que foge.

Fingindo não perceber a impressão, que causára, continuava o pagem a trama do seu discurso. O filho de Ordonho já o não escutava.

— «Presto! Presto!» gritou elle com voz imperiosa para os guerreiros, que o rodeavam, e precipitadamente um sobre outro os expediu todos com breves instrucções, ou com monosyllabos, que fossem, em quanto era tempo, surprehender a fortuna no pino da roda, a desfechar o golpe supremo sobre o campo arabe.

Despejou-se o pavilhão real. Sósinhos e frente a frente ficaram o principe e o pagem.

O primeiro estava absorto nos pensamentos do combate, sonhando com a victoria, e bem descuidado da fatalidade do seu destino. O segundo arrancava apressadamente do coração as ultimas raizes do escrupulo e temor, colligia todas as forças interiores, convocava todas as potencias da sua alma em auxilio de uma resolução desesperada. Apalpou o cabo do punhal, e tremeu-lhe a mão, com que se persignara na infancia. As armas, que cingia, as vestes christãs, que trajava, trouxeram-lhe á memoria a crença primitiva do seu berço, a religião de amor, com que o tinham embalado nos primeiros annos. Perturbado, inclinou a fronte opprimida de incertezas; e quando de novo a ergueu, topando com os olhos n'uma imagem do Crucificado, suspensa dos panos adamacados da tenda, insensivelmente dobrou o joelho esquerdo. Ajoelhou. O animo deliberado do mancebo tinha succumbido.

O filho de Ordonho despertava a este tempo do seu profundo scismar. Reparando na attitude religiosa do pagem, no seu rosto peregrino, que elle desvendára por acatamento ao Salvador, e n'uma pequena faixa de seda verde, ornada da meia lua, que lhe circumdava a fronte, indo rematar na parte posterior da cabeça, o principe vacillou um instante; mas as suas induções adivinharam logo um espia. Levantado da cadeira, com a mão na cimitarra, e o pé sobre o primeiro degrão do estrado, o filho do rei houvera descarregado o primeiro golpe, se o tinido da sua armadura não desse rebato ao mancebo do perigo em que estava. Este, erguendo-se de um pulo, com um dilemma de morte diante dos olhos, forçado a escolher o papel de victima ou de sacri-

ficador, sentiu-se outra vez turbar de paixões desordenadas. O máu espirito obsidente apagou-lhe na consciencia o ultimo clarão da luz divina. Subitamente as feições de anjo demudaram-se-lhe nas do tigre. O ferro luziu-lhe nas mãos assassinas. Lançou-se ao principe com a raiva de uma besta-féra, e por entre as fendas da vizeira lhe enterrou o punhal em ambos os olhos. Depois desguarneceu-lhe o peito da vestidura de malha, e crivou-lhe, um sobre o outro, de golpes o coração.

Consummado o feito, saíu o pagem da tenda, e entrou a bradar com grande clamor: « *O principe é morto! o principe é morto!* » Esta nova dilatou-se como um incendio pelo campo leonez. Alguns, que correram ao pavilhão a certificar-se do infausto successo, consternados e espavoridos saíram, pregoando com maior brado a consternação e o terror. Como scintilla electrica girou o panico pelos arraiaes. Verieis então armas espalhadas pelo chão; tendas desertas; postos abandonados; tropeis de soldados, fugindo sem saber de quem, nem para onde; cavallos desgarrados correndo á solta pelo campo. E o grito « *o principe é morto!* » vagueando pelo acampamento, aqui destroçava um bando de homens de armas já mettidos em ordem á voz do seu adail; ali dispersava o auditorio militar de um sacerdote, que exhortava á disciplina, e persuadia á esperanza com o symbolo d'ella na mão, a Virgem immaculada com uma ancora aos pés.

Os arabes, até esse momento rechagados, e rotos na ala direita e esquerda, restauram então a batalha. Rompendo como torrente devastadora pelas portas do campo christão, arvoram a meia lua no proprio pavilhão do filho de Ordonho, onde, havia pouco, fluctuava o estandarte da cruz.

O pagem, protagonista d'este drama, foi elevado ás honras de alkaide. O califa o saudou com o nome de **ALMANSOR**.

E Almansor se ficou chamando.

(Continúa.)

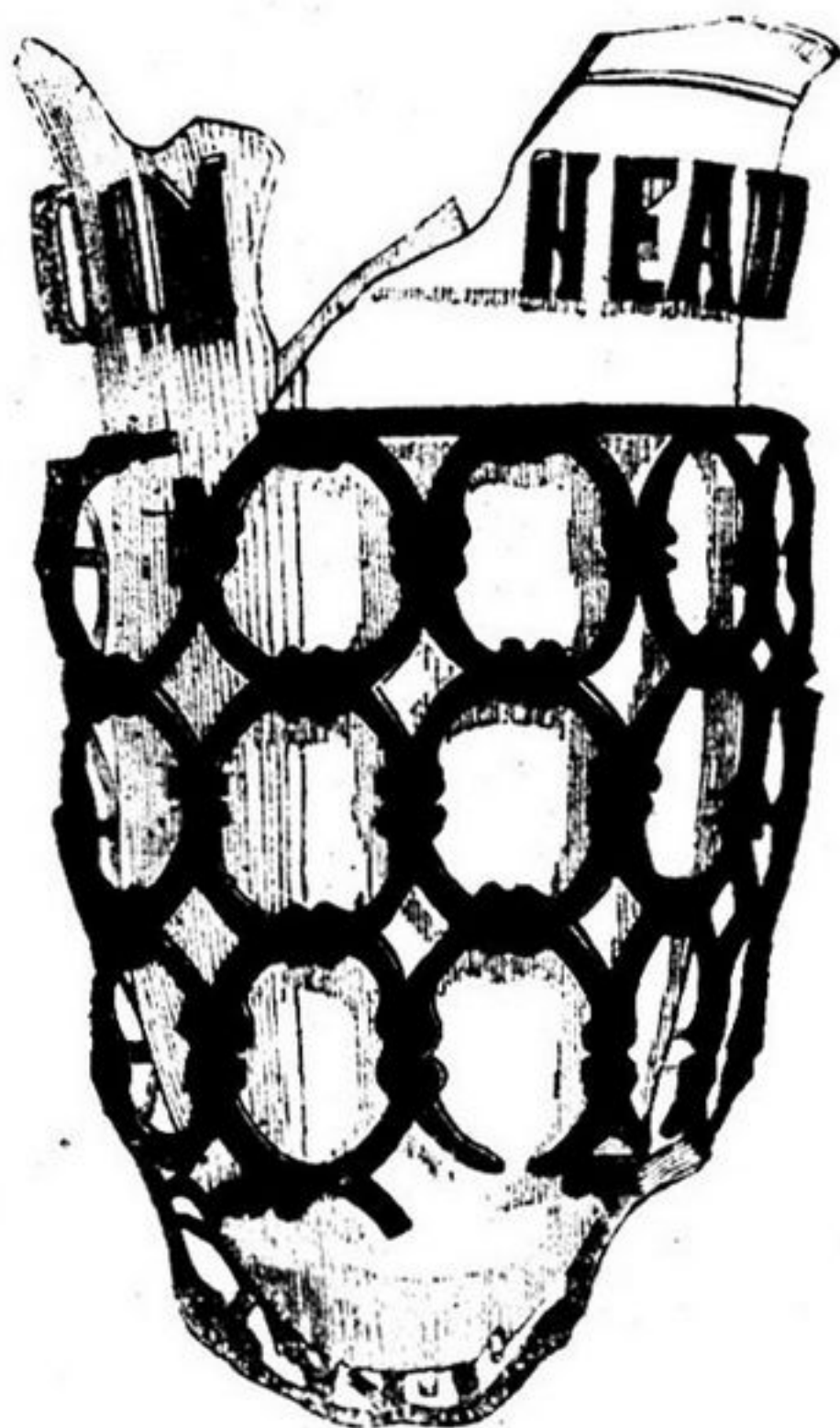
ANTÓNIO DE OLIVEIRA MARRECA.

TAÇA DE VIDRO ANTIGA.

A TAÇA, que a gravura representa, conserva-se no museu da bibliotheca publica de Strasburgo, e foi encontrada em 1823 dentro de um esquite em fórma de pia, desenterrado por um jardineiro perto da explanada d'aquella cidade. Compõe-se de duas partes; uma é de vidro commum, e constitue a taça propriamente dita; a outra é um ornato sobreposto da mesma materia, adherente á primeira pelo modo, que se póde tambem observar na estampa. Este ornato, de vidro vermelho, cinge toda a taça, e fórma uma serie de ovaes, juntas por uma especie de nós, que as fazem parecer as malhas de uma rêde; termina em um rebordo circular: a parte superior da taça tem certa inscripção em caracteres de vidro verde, que, segundo o erudito Schweighausen, formam o nome de *Maximianus Augustus*. Isto não passa porém de uma conjectura, um pouco aventureira.

Quanto ao uso d'esta taça a sua fórma cónica na base, e a falta de pé fazem-na comprehender no genero das taças de festim, que se conservavam sempre cheias na mão. A sua origem é mui incerta; entretanto presume-se que pertenceria a Maximiano Hercules. Este imperador viveu muito tempo nas Gallias, e nas cercanias de Strasburgo se têm encon-

trado muitas medalhas com a sua effigie. Talvez que esta taça a recebesse Maximiano de presente; porque ninguem ignora quão raro era o vidro na antiguidade, accrescendo n'este caso o primoroso da mão de obra. É provavel que o imperador a dêsse depois a algum amigo, fallecido nas proximidades de *Argentoratum*, em cuja sepultura fosse introduzida como objecto precioso. Encontram-se exemplos de semelhantes presentes na historia dos imperadores romanos. Vospicius, na vida de Saturnino, traz uma carta em que o imperador Adriano falla de duas taças de vidro de côres cambiantes, que denomina *calices alassontes*, que lhe haviam sido offerecidas no Egypto, e que tinha em grande estimação.



Em todo o caso, este pequeno monumento, com ser modesto, e na apparencia de insignificante interesse, claramente demonstra a perfeição a que chegaram certas artes na antiguidade.

ESTUDOS SOBRE A GUINÉ DE CABO VERDE.

V.

O interior da praça de Bissáu. — A formiga que come ferro. — Fr. Manuel de Vinhaes ou Fr. Paulo de Lordello? — 1702 e 1838; analogias que fazem córar. — Como restabelecer aqui a civilização? — O Richerismo e Wittemberg: como o entendem os negros de Guiné. — A soberania popular, e a onça. — O que é um rei de Bissáu e o seu sceptro.

Fui encontrar o quartel dos soldados ameaçando ruina mui proxima, de sorte que elles preferiam dormir ao sereno, embrulhados em lençoes, agora que ainda estava longe a quadra das aguas, a correrem o risco de morrer esmagados sob o pezo do tecto e das telhas. Quasi no mesmo estado se achava o quartel dos officiaes. Durante as ultimas chuvas, uns tinham-se visto forçados a procurar abrigo debaixo da meza de jantar, ou mesmo do leito, e outros sujeitaram-se a passar a noite sentados na cama e cobertos com um chapéu de chuva, por lhes cair agua em catadupas por toda a casa. Para passar noites

tão agradáveis vale a pena de ir a Guiné de guarnição!

A capella da fortaleza... não fallemos n'isso. Como portuguez e como christão envergonho-me de dizer o estado a que a vi reduzida. Que o digam o ex-governador Torres, o tenente Eça de 16, o tenente de marinha Roberto Theodorico... etc. etc.; que não tenho animo para dizer a Portugal qual era esse estado. A historia tambem tem o seu pudor.

Já n'outra parte disse que esta capella estava, ha muitos annos, servindo de igreja parochial por se ter arruinado completamente a que o era, e que existia fóra da praça; pois não obstante essa circumstancia, que devia ter excitado todas as attentões de quem a isso estava rigorosamente obrigado para que se conservasse em estado de servir para o culto da religião (apezar de não haver ali sacerdote algum!) como um perenne e eloquente monumento da religiosidade da nação portugueza, e de que era ainda sob a protecção da Cruz e da Santissima Virgem, que este estabelecimento estava collocado; e para testemunhar, que o mais que faltava não podia suppril-o a auctoridade secular; não só não encontrei igreja, como pelo contrario encontrei alguma coisa peor, mais vergonhosa do que essa falta!!...

Depois que isto vi, nada mais me devia admirar; nem o estado da praça, nem as frequentes e mortíferas guerras dos papeis, nem as revoltas dos grumetes, nem as insubordinações da guarnição, nem a desmoralisação, a miseria, as revoluções e as desgraças da metropole. Só uma coisa me admirou: como é que ainda tremulava n'aquelle ponto a bandeira portugueza... Altos juizos de Deus!

Mostraram-me os armazens, e o que continham. Tudo estava em perfeita harmonia com o mais que tenho descripto. Mas não me entristeci. Não córei de vergonha. Um impeto de riso, que não pude sustentar, veio admirar os que me acompanhavam; puzeram-se a olhar uns para os outros, como se procurassem a explicação de uma gargalhada de riso, que ou havia de ser offensiva, ou inconveniente. Não era nem uma, nem outra coisa. Expliquei o meu riso, e ao que suppuz, todos me acompanharam n'elle francamente.

Eu tinha procurado obter, pelo exame de alguns fragmentos dos antigos registos da secretaria, a maior somma possível de noticias não só a respeito do archipelago, mas igualmente das nossas possessões na Senegambia; e durante esse exame encontrei uma provisão, ou aviso, em que se reprehendia acerbamente a nota lançada n'umas contas do estabelecimento de Bissáu para justificar a perda de uma porção de barras de ferro (que é moeda n'esta terra), dizendo-se que tinham sido comidas pela formiga. O tom d'aquelle documento não deixava duvida nenhuma sobre a incredulidade do seu signatario, que para não elevar uma formiga ás honras de uma éma, ou de uma péga, preferia suppôr que tinha havido roubo ou des-caminho, ou coisa que com isso se parecesse, e por consequente ennodar uma ou mais reputações de individuos, que talvez não devessem nada a ninguém em quanto a probidade e limpeza de mãos.

Para fallar a verdade suppuz o mesmo. Estava firme na crenga de que as barras de ferro tinham passado do armazem da fazenda para casa de alguma personagem importante, e que a pobre da formiga carregava com as culpas, em falta de outro animal que pudesse com a carga. Uma formiga a comer e a digerir ferro parecia-me uma coisa tão maravilhosa, como seria um boi a voar pelos ares, disputando velocidade com uma andorinha. Estas duas pala-

avras, formiga e ferro, pareciam-me tão inconciliáveis como agua e fogo. Foi isto o que me lembrou n'aquella occasião, foi isto o que me fez rir. Já teria acabado a raça d'estas formigas?

Cuidava que o riso dos meus companheiros, isso a que os afrancezados chamam *hilaridade*, e que alegrava esta visita, que tinha começado tão melancolicamente, procedia de terem entrado nas minhas vistas, e de applaudirem a minha incredulidade: e não era assim. Riam-se de mim, riam-se de minha ignorancia jactanciosa; e deram-me uma lição, que nunca me ha de esquecer.

Nós, os europeus, cuidámos que sabemos tudo; que as informações, que lemos em certas memorias, ensaios, ou como é que se lhes chama, escriptas Deus sabe onde e como, nos dispensam do exame das cousas nos proprios logares onde ellas se passam, e que podemos fazer e desfazer, emendar e reformar, porque á nossa sciencia infusa, á inflexibilidade de nossa vontade caprichosa tudo se deve amoldar, homens e cousas; e por isso tratámos com soberano desdem tudo o que não entra no quadro, que nós formamos. É esta uma das causas dos nossos males. A este defeito, que não pude senharear, devi a lição que recebi.

Respondeu-me um dos assistentes, que não era a raça das formigas, que tinha acabado, mas a situação prospera do estabelecimento, que não deixava que as barras de ferro se demorassem muito tempo nos armazens da fazenda, se algumas lá chegavam a entrar; unico motivo porque não podia a formiga comel-as. E disse-me isto com toda a seriedade, e com um despeito, que apparecia bem patente por debaixo das fórmulas as mais respeitadas.

— «Então v. s.^a diz que era muito possível que as formigas tivessem comido o ferro?» observei-lhe eu com a pronunciada intonação de uma pergunta ironica.

— «Nhor sin: non só en ta flâ, mas tambem êu ta frimâ com a forminga já comê ferro (*Sim, sr., e não só digo a v. s.^a que era possível, mas affirmo que as formigas comeram o ferro.*)»

— «Ora essa não está má! V. s.^a viu as formigas devorarem aquellas barras?»

— «Não, senhor. Se eu não sei em que tempo foi isso que v. s.^a conta, e que aqui muitas vezes ouvi dizer, como havia eu de tel-o visto!»

— «Ha quanto tempo está v. s.^a em Bissáu? para fallar com tamanha affirmação é necessario que tenha visto alguns d'esses phenomenos.»

— «Eu sou filho de Cabo Verde (chama-se assim por antonomasia a ilha de Santiago), e vim destacado para Bissáu no tempo do sr. Chapuzet (havia vinte annos pelo menos): aqui fui feito official pelo sr. Caetano Procopio, e nunca mais tornei á minha terra. Desde então até hoje tenho visto, em casa d'estes srs., muito ferro comido pelas formigas.»

Olhei para todos os lados, esperando ouvir um geral desmentido, envolto n'uma estrondosa gargalhada.

— «E verdade, é verdade!» disseram todas as bôcas ao mesmo tempo.

— «E como se chama essa formidavel formiga?»

— «A baga-baga.»

— «Está dito. Mas realmente é a coisa mais maravilhosa que tenho ouvido em minha vida. Uma formiga, um animalzinho tão pequeno com dentes que enectam o ferro, e o trituram, e um estomago capaz de o digerir!... Não fallemos mais n'isso. Acredito que ha formigas tão vorazes, e ferro tão doce e molle, que pôde alimentar não só homens, como até formigas. Prefiro crer isso, por mais incrível

que seja, a suppôr que homens de bem sejam capazes de faltar á verdade com tamanha audacia.”

Sai dos armazens: e ao mesmo tempo o official que, durante estas palavras, tinha estado a conversar em voz baixa com um dos negociantes, separou-se de nós, dizendo:

— “Até logo.”

Continuei a minha visita no meio de um profundo silencio, que eu não ousava quebrar pelo receio de que as minhas palavras participassem da amargura dos pensamentos, que me agitavam, e que sem o querer fosse offender alguém; o que muito recomendo a todos que tiverem auctoridade, porque nada é tão facil como uma offensa, involuntaria da parte de quem exerce o poder, aos que lhe são subordinados, e que estes não perdoam, porque a consideram reflectida, e portanto um acto de vilania. A esse dote, que Deus me deu, sou devedor de muitas e respeitaveis amizades, que conservo em Cabo Verde, e que me tem ficado fieis, apesar das vexações que se lhes tem feito soffrer.

Quando me acercava do baluarte da Onça, depois de ter examinado as officinas todas da praça, vi que o meu interlocutor se aproximava apressadamente de nós; demorei-me então para lhe tornar o trajecto mais curto. Pela physionomia triumphadora dos que me cercavam, conheci que se me preparava uma surpresa, e que elles estavam no segredo; e quiz prestar-me ao que parecia exigir-se de mim.

— “Então, já de volta? e com tanta pressa! o que temos de novo? aposto que nos vem dizer que o almoço está na meza?” disse-lhe eu, do mais longe a que podia chegar a minha voz.

Não me respondeu, e continuou a caminhar para nós com a mesma pressa com que vinha até ali. Chegou-se a mim, e entregou-me um pequeno embrulho, que abri com avidéz. Era um pedaço de ferro, com oxidações em diversos sentidos, algumas das quaes o passavam de um lado ao outro, e que tinham formado camadas ou folhetas por onde o ferro se desfazia tão facilmente como o barro.

Eu fiquei admirado. Nunca suppuz, que uma formiga fosse capaz de operar esta decomposição no ferro. Mas a minha admiração subiu de ponto assim que soube que era quasi instantanea, completa-se em poucas horas. A baga-baga lança de si um humor corrosivo, que come o ferro, enferruja-o d’um dia para o outro mais do que se estivesse alguns annos exposto á inclemencia das estações e ás variações da atmosphera; decompõe-no inteiramente. A nota não continha pois uma falsidade, e apenas uma incorrecção de frase, de que me não podia prevalecer.

Guardei o silencio, porque estava confuso; porém nenhum dos que me acompanhava abusou da victoria, que a minha presumpção lhes havia dado.

(Continúa.)

J. M. DE SOUSA MONTEIRO.

ORIGINALIDADE DA NAVEGAÇÃO DO OCEANO ATLANTICO SEPTENTRIONAL, E DO DESCOBRIMENTO DE SUAS ILHAS PELOS PORTUGUEZES NO SECULO XV.

III.

ASSIM é pois evidente, que na esperanza de premio a ambição das descobertas maritimas se vulgarisara muito entre nós, e que muito tempo e fortuna se consumira em procurar debalde no oceano ilhas, que não existiam senão na phantasia dos cosmogra-

phos da idade media, ou nos sonhos dourados dos novos exploradores portuguezes. De mais de um se póde dizer o que o doutor Gaspar Fructuoso, historiador insulano, disse de Alvaro da Fonte, filho de Jorge da Fonte, da ilha de Santa Maria, nos Açores, no capitulo 8.º do livro 4.º do inedito *Saudades da Terra*. “Gastou, diz elle, toda a sua fazenda em descobrir a ilha nova, sem a poder achar.” E como não seria assim se as ilhas sobre as costas atlanticas d’Africa e Europa, como as Canarias, Porto Santo, Madeira, Açores, as do golpho d’Arguim, as de Cabo Verde, as de Bissangos, Corisco, Annobom, S. Thomé, Principe, Ascensão e Santa Helena, já estavam todas reconhecidas por nós no anno 1501? Que mais havia que procurar no Atlantico, a não ser nas costas orientaes da recém-descoberta America?

Tudo convence, que nossos foram execução e plano de devassar o até ali desconhecido oceano occidental. Qual outra nação europea conserva nã sua historia memoria de factos analogos? qual possui documentos semelhantes, com que possa disputar-nos a palma da originalidade das nossas navegações e descobertas no Atlantico?

As nações estrangeiras não tiveram parte na descoberta das ilhas do oceano Atlantico septentrional. Depois que só portuguezes a fizeram, ainda os monumentos geographicos das demais nações continuaram a inspirar-se nas tradições e fabulas antigas; e se por acaso chegam a tocar no ponto do progresso, que nossas navegações imprimiam á sciencia, fazem-no com a ignorancia e insufficiencia proprias de quem por si não tomou parte nas empresas, nem pode vêr as cousas de que fallou. Nem admire que assim succedesse, e que os progressos da geographia custassem tanto a vulgarisar. As communicações eram então morosas; as guerras e dissensões intestinas distrahiam as attentões geraes; e não era cousa breve a composição das cartas, o tempo material necessario ás copias, e o preciso para as fazer circular.

N’esta parte e seguintes do nosso trabalho, sem afrouxarmos as provas da these, ha de permittir-se-nos, que desçamos em especial á originalidade do nosso descobrimento das ilhas dos Açores. A ignorancia, que a respeito d’estas ilhas os cosmographos e cartographos estrangeiros continuam a mostrar, ainda por muito tempo depois da nossa descoberta, é mais uma prova a que queremos dar relevo, para que olhos estrangeiros, que sem nol-o disputarem com discussão, hão decretoriamente proclamado e repetido, que flamengos ou outros povos do norte se anteciparam aos portuguezes no descobrimento dos Açores, vejam que a nossa prioridade n’elle é tanto mais evidente, quanto é incontestavel, que só em cartas portuguezas primeiro se consignou, e d’ellas é que os estrangeiros o tomaram para as suas.

Entremos nos factos.

Leonardo Dati, irmão de Goro Dati, contemporaneo de Buondel-monti, compoz por 1422 um poema geographico, intitulado *Della Spera*, em que mostra estar tão atrazado, como nos primeiros seculos da idade media, na divisão da terra, no tocante ao oceano circumdante, na situação do paraizo na Asia, e na origem oriental que dá ao Nilo. Além d’isso a respeito do grande oceano Atlantico confessa, que os paizes ao occidente de Ceuta eram pouco conhecidos.

«Di sotto a setta forsi mille miglia
Giu per quel litto sa puoca notitia.»

Das ilhas do mesmo oceano só falla nas Canarias, co-

mo as mais importantes, situadas sobre as costas africanas.

«Cercando la rivera tutta quanta;
Vegion da terra piu isole in mare
Chanaria et altri di piccolo affare.»

Na margem d'estes versos traz a configuração da costa d'Africa, grosseiramente desenhada, e um grupo d'ilhas para indicar as Canarias, de que não parece ter ainda noticia bem fundada, porque não entra na enumeração das ilhas, nem particularisa suas circumstancias. E as ilhas de Porto-Santo, e Madeira, já descobertas em 1418 e 1419? Dati não lhes faz a menor allusão. Sem duvida ignorava ainda taes descobrimentos. A sua obra não denuncia o menor progresso da sciencia geographica, nem idéa de navegações transatlanticas. No que temos apontado se cifra quanto sabia d'este lado do globo.

Na bibliotheca de Weimar conserva-se uma carta do anno 1424. Ao sul do estreito nomea as Canarias. Ao norte d'estas põe um grupo sem nome. Mais ao norte tres ilhas em triangulo largo, ás quaes chama *Insule Fortunale Sancti Brandani*. E assim acaba sem nos dar outra noção d'ilhas Atlanticas, e sem dizer uma palavra positiva sobre as ilhas do archipelago da Madeira, já então descobertas. Quereria acaso represental-o no primeiro grupo que ao norte das Canarias poz? Conhecia-o elle já? Causa é esta mui difficil de conjecturar, quando a epocha inda era alumada por um resto do crepusculo da idade-media, que por systema costumava povoar d'ilhas o oceano.

Entre os annos 1384-1434 fixam a data do portolano, que pertenceu á bibliotheca Pinelli, e hoje é do celebre geographo barão de Walekenaër. N'elle se vê, que no alto mar, e quasi n'um mesmo meridiano, partindo do Estreito para o sul, estão as ilhas *Caprara biono* (Lono, doada em 1462 a João Voga-do?) — *porto-santo* — *y. de legname* — *deserte* — *sal-rago* — e o grupo das Canarias. Ao norte do Estreito põe no mesmo meridiano *y. de brazil* — *y. de la ventura* — *são zarzi* — *li combi* — *y. de corvo marini*. Estas ilhas, e alguns dos seus nomes, traducção dos que os portuguezes lhes impuzeram no acto da descoberta, estão a dizer-nos, que o portolano, tal como ora está, não é todo obra contínua anterior á epocha de nossas emprezas maritimas, mas resultado de addições successivas, feitas á proporção que os descobrimentos proseguiam, e o conhecimento d'elles se vulgarisava pelos paizes estrangeiros. Se pelo que temos precedentemente escripto é claro, que as ilhas, com os nomes dados pelos portuguezes nos principios do seculo 15.^o não podiam existir quarenta ou cincoenta annos antes em cartas da ultima metade do seculo 14.^o; as ilhas do archipelago da Madeira, e as que no portolano Pinelli ficam primeiro ao norte do Estreito (em que apenas se podem descobrir dous nomes, um exacto, outro que rasteja pelo verdadeiro, de duas das ilhas dos Açores) são addição feita em epocha posterior ás nossas descobertas, addição, que a respeito das ultimas ilhas ainda revela grande ignorancia, e confusão nos seus numeros e nomes. De suppormos que as ilhas, que traz em frente da península, são representação das dos Açores, e que á ilha do Corvo, só reconhecida depois de 1432, responde a *de corvo marini* do portolano, seguir-se-ia, que na epocha assignada á construcção d'elle, não é provavel que o anno 1434 seja o ultimo termo, e melhor se pôde suppor fosse o de 1433, ou proximo posterior. Se porém a inspecção da carta original, a inspecção da obra primeira, e das addições subsequentes, que porventura se discriminem n'ella, obrigar de preceito a fixar em 1434 o ultimo termo da sua data, en-

tão parece dever sem constrangimento concluir-se, que o auctor, ou ultimo addicionador do portolano, das ilhas descobertas pelos portuguezes no seculo 15.^o apenas chegou a conhecer as da Madeira, e nunca as dos Açores, de que n'aquella epocha porventura nenhuma era descoberta ainda. Não fazendo d'ellas menção particular, inequivoca, dá logar a crer-se, que nada ha de commum entre as ilhas, que chama *são zarzi* e *corvo marini*, e as nossas de S. Jorge, e Corvo, duas das mais insignificantes dos Açores.

(Continúa.)

JOSÉ DE TORRES.

ENSÃO DE UMA DISSERTAÇÃO HISTORICO-CRITICA
SOBRE OS FACTOS MAIS CONTROVERSOS DA HISTORIA
DO CONDE D. HENRIQUE, PRIMEIRO SOBERANO DE
PORTUGAL, E TRONCO DA AUGUSTISSIMA CASA REI-
NANTE.

SEGUNDO PONTO.

A sua jornada, ou jornadas á Terra Santa.

V.

Não disputo, que ella se começasse em 1103, e que debaixo da boa fé, ou quasi certeza, de que ella se havia concluido, os taes contendores nos assegurassem da estada do conde em Jerusalem, o que é tanto mais crível, quanto é sem duvida, que estando presente o conde na côrte de D. Affonso VI em fevereiro de 1103, não poderia já saber-se em Coimbra, ou em Vizeu, que elle chegára ao seu destino, o que sómente me lembra ponderar, para que os defensores da jornada em 1103 não ponham de parte os gravissimos embaragos d'esta jornada em tal anno; pois caso porfiem e queiram defender a todo o custo a sua opinião, ser-me-ha bem facil acreditar sim a exactidão do documento, porém demonstrar ao mesmo passo, e com outros documentos merecedores de inteiro credito, que se existiu tal jornada começada em fevereiro de 1103, e já concluida no fevereiro seguinte, será então mui crível, que o conde D. Henrique, por ventura socio dos príncipes, que n'esse anno, recebendo a cruz, partiram em demanda dos logares santos, o foi tambem nas desgraças occorridas n'esta funestissima jornada; e que assim como outros príncipes, escapados ao ferro e á traição, conseguiram voltar aos seus respectivos dominios, sem que tivessem penetrado até Jerusalem, outro tanto aconteceria ao soberano de Portugal, conciliando-se d'esta maneira o documento do livro preto com a verdade historica, porém com detrimento de uma das acções mais gloriosas do nosso conde (1), que se tivesse figurado na expedição de 1103, sómente na primavera de 1104 poderia visitar o santo sepulchro.

(1) Pode consultar-se o ultimo historiadôr das cruzadas mr. Michaut, desde pag. 490 até pag. 505, e a começar da antecedente poderão ver os meus leitores, qual foi a sorte de muitos príncipes e dos grandes exercitos, que os acompanhavam. Duas cousas observei de passagem, collidas n'este ás vezes nimiamente critico historiadôr. 1.^o Foi um documento de certo mosteiro de Saboia quem tirou as duvidas sobre a jornada de Humberto, 2.^o conde de Saboia aos logares santos, e por isso o silencio dos historiadores antigos das cruzadas não prova, que o conde D. Henrique deixasse de fazer esta jornada. 2.^o Um dos príncipes mortos a ferro dos mussulmanos, junto a Ramla em 1103 foi o duque Odo, que se diz irmão do conde D. Henrique; e sendo assim, como era possível que os historiadores francezes d'esse tempo nem sequer nomeassem o irmão do duque de Borgonha? Mostrado que seja ter feito o conde D. Henrique esta jornada em 1103 ficaria immediatamente certo, que elle não era irmão do duque Odo, se por acaso nos faltassem outros mais poderosos argumentos.